

NACIONAL

ELEIÇÕES 2002

Eleitor ainda não sabe que vai renovar o Senado

Corrida pelas vagas agita meio político, mas só 1,5% do eleitorado tem conhecimento disso

SILVIO BRESSAN

Uma eleição que envolve alguns dos políticos mais importantes do País, responde pelo equilíbrio entre os Estados no Congresso, define quem pode julgar as autoridades máximas do governo e ainda concede um mandato de oito anos a seus vencedores está sendo ignorada pelo eleitor. Até agora, a disputa por 54 das 81 cadeiras do Senado – renovação de dois terços – só tem mobilizado os candidatos. É o que mostra uma pesquisa do instituto Datanexus com 2.545 pessoas, em 100 municípios de São Paulo, no início de junho. Desses entrevistados, apenas 1,5% sabia que haverá eleição para duas vagas no Senado.

Em outra questão mais específica – quantos senadores serão escolhidos –, o resultado não foi diferente. Apenas 9,5% citaram dois, enquanto 10,9% responderam um, 1,9% arriscaram três e nada menos que 4,4% acharam que haveria quatro ou mais vagas em disputa. A grande maioria (73%) não soube ou não quis responder.

Etérea – Na pesquisa, quase metade dos entrevistados (49,7%) não souberam dizer o que um senador faz. Pior que isso, 80% não souberam citar, ao menos, o nome de um senador de São Paulo. “O presidente e o governador são cargos conhecidos por todos, enquanto os deputados estaduais e federais têm um contato mais direto com suas bases eleitorais”, observa o cientista político Rubens Figueiredo. Além disso, acrescenta ele, os deputados são mais identificados com certas causas. “Como não ficam tão próximos do eleitor nem têm uma bandeira forte, os senadores caem no vazio, como uma coisa etérea e distante.”

Apesar dos obstáculos, o cargo parece cada vez mais atraente. Em todo o País, são mais de 300 candidatos, numa média superior a 10 por Estado. Só em São Paulo são 27 pretendentes, o que dá uma média – 13,5 por vaga – semelhante à do disputado curso de Engenharia Mecânica da USP.

Nesta corrida, cinco favoritos se destacam: o senador Romeu Tuma (PFL), que busca a reeleição; os deputados federais Aloizio Mercadante (PT), José Aníbal (PSDB) e Cunha Bueno (PPB); e o ex-governador Orestes Quéricia (PMDB). Nas primeiras sondagens, Tuma leva

OS FAVORITOS

Beto Barata/AE



Eduardo Nicolau/AE

Tiago Queiroz/AE



Sergio Castro/AE



Mercadante (no alto à esq.), Cunha Bueno (no alto à dir.) e Aníbal (acima) tentam multiplicar os votos que tiveram para deputado na última eleição



Celso Junior/AE

O ex-governador Quéricia (acima) e o senador Tuma (à esq.) saíram na frente nas primeiras pesquisas, com discursos e propostas semelhantes para a área de segurança



uma vantagem natural, por já ocupar o cargo. Em seguida, vêm Quéricia e Mercadante, uma dobradinha estimulada pelo presidencialista Luiz Inácio Lula da Silva (PT), interessado

no apoio do PMDB paulista.

Mais distantes estão Aníbal e Cunha Bueno, que também guardam seus trunfos. O tucano, presidente do PSDB, aposta na ligação com o presidente

Fernando Henrique Cardoso e o governador Geraldo Alckmin. Já Cunha Bueno joga suas fichas na candidatura Paulo Maluf (PPB), líder nas pesquisas para governador.

Seu desafio, similar ao dos concorrentes, é saltar dos 103 mil votos em 1998 para 6 milhões em 2002. Numa disputa tão desprezada pelo eleitor, não será nada fácil.